

PROVANDO DEUS EM TRÊS PÁGINAS

Por Paz Greemland

18/01/2019

PREFÁCIO

Eu, Paz Greemland, escrevo esse curto livro como uma forma de armazenar meus insights e deduções filosóficas, assim os organizando. A divulgação do mesmo se dá pela minha frustração pessoal com os palpites.

Dentro do ramo filosófico, a maior parte de meus interesses e conhecimentos está na epistemologia, no campo apriorístico, criticismo, teologia, jusnaturalismo e – brevemente – a física teórica.

Sempre levo em consideração as análises científicas. Contudo, a ciência nada mais é do que uma forma eficiente de interpretar o mundo, sendo a lógica uma forma de entendê-lo. Seria uma contradição se eu realizasse um argumento contra a lógica, afinal, a validade de um argumento se dá justamente pelo seu uso da lógica.

Acerca da origem do universo, acredito na visão teológica do Big Bang de que Deus o perpetuou, sendo irrelevantes os propósitos, pois Deus, enquanto transcendência, transcenderia o conceito de propósito ou ação. O que não age, não cria. Já o que age, cria. Mas e o que transcende a ação, o que faz? Isso já está além de nosso entendimento enquanto partes do universo. Porém, a partir deste livro, mostrarei como Deus a única forma de solucionar logicamente o problema da quantificabilidade (o qual explicarei na parte II).

Dentre minhas influências filosóficas estão Aristóteles e Hans-Hermann Hoppe no campo lógico/argumentativo, René Descartes e Immanuel Kant na epistemologia e Ludwig von Mises na praxeologia.

PARTE I

MATÉRIA COSMOLÓGICA

Antes de entrar no tópico Big Bang, é necessário introduzir um conceito que desenvolvi: matéria cosmológica.

A matéria cosmológica diz respeito a tudo o que percebemos a existência dentro do universo. Dentro deste conceito, até mesmo o vácuo seria matéria. É claro que a definição de vácuo é a ausência de matérias, mas isso diz respeito à matéria física, não cosmológica. Podemos perceber o vácuo e sabemos que o mesmo existe, mesmo que ele seja a ausência de matéria física.

Nota: o vácuo absoluto (que consiste na ausência total da matéria) existe apenas em teoria. Na prática, todos os vácuos já percebidos dentro de nossa galáxia possuem algumas doses de gases (geralmente hidrogênio).

Podemos usar vários exemplos de matéria cosmológica, como a própria física, por exemplo, ou até mesmo a energia. Mas, em suma, este é o conceito explicado de forma curta e objetiva. Até mesmo o conceito de flutuação quântica (o qual é considerado por muitos como uma chave para a teoria do Big Bang) trata-se de matéria cosmológica.

Mas então, é possível algo não ser matéria cosmológica? A resposta é sim, e é assim que trataremos o conceito de Deus. Como Deus é um conceito vago demais, aqui vamos defini-lo como o conceito do inquantificável, o qual transcende as noções de espaço-tempo e matéria.

Essa definição pode abranger tanto um Deus monoteísta ou os Deuses politeístas. Afinal, tomando Deus como uma transcendência total e inquantificável, logicamente é impossível quantificá-lo como um ou mais (pois o mesmo transcende as noções numéricas, físicas, lógicas, etc.). A noção de quantidade é consequência da noção de causa, e causa é a noção de que “toda coisa equivale somente a si mesma”.

Assim, temos Deus como a única definição imaterial possível. Não é matéria nem física, nem cosmológica. Apenas a partir dessa definição, podemos tomar logicamente Deus como o criador de tudo. Afinal, apenas transcendendo o espaço-tempo seria possível a criação do mesmo, sem cair em contradições lógicas ou raciocínios circulares como “a matéria veio da matéria, que veio de outra matéria, etc.”.

Tudo que é material segue uma causa e efeito, portanto nada que é material pode iniciar a si mesmo. Assim, apenas transcendendo a quantificação é possível criar o infinito.

Toda matéria, por ser dependente, necessita de origem. Ao negar isso, você estará caindo no raciocínio infundado de que “tudo veio do nada”, o que é uma contradição lógica, pois ao tratar o “nada” como predicado, o nada já não é mais nada e voltamos ao raciocínio circular. E se você se refere ao “nada” como o “imaterial”, então a questão é essa: Deus é imaterial. E a partir do imaterial e transcendental, é possível se criar o infinito e a matéria.

PARTE II

BIG BANG

Presumo que o público-alvo desta obra já deva possuir conhecimento (mesmo que raso) do que é a teoria do Big Bang. Logo, não focarei em explicá-la detalhadamente.

Em suma, a teoria do Big Bang é evidenciada pelo método científico. O método científico, embora seja incapaz de provar algo como uma verdade absoluta, é muito bom para interpretarmos o mundo e suas probabilidades. No entanto, em uma discussão epistêmica, o mesmo tem pouca importância, pois apenas estabelece probabilidades e, não obstante disso, é um método indutivo a posteriori (empírico) que se baseia nas percepções sensoriais humanas. No empirismo, nada é factual. Essa é uma das causas da ciência estar em constante mudança e alteração.

As percepções sensoriais humanas, como já demonstrou Immanuel Kant, são sempre subjetivas. Apenas através da lógica a priori (dedutiva) conseguimos estabelecer relações de causa-efeito válidas logicamente (partindo do princípio infalível de que estamos em uma realidade, sendo este condicionado ao uso da lógica apriorística).

A matemática, por exemplo, é um conhecimento apriorístico. Contudo, para usá-la, precisamos utilizar nossas percepções sensoriais humanas para realizar um cálculo ou até mesmo representar números. Mas o ponto é que nenhuma dessas percepções é falseável.

Voltando ao Big Bang: a teoria é muito bem elaborada através do método científico. Contudo, é irrelevante por enquanto sua elaboração científica. Toda a teoria parte de uma premissa: todo o universo surgiu a partir de uma singularidade. Essa singularidade, sendo de existência perceptível dentro do universo, seria então matéria cosmológica.

Uma vez que a criação do universo está condicionada à matéria cosmológica, a quem está condicionada a criação da matéria cosmológica? Afinal, ela já é presente e perceptível dentro do universo (até mesmo no Bóson de Higgs). Como dito no capítulo anterior, tudo que é material segue uma causa e efeito. Consequentemente, nada que é material pode criar a si mesmo.

Vamos chamar este problema de “problema da quantificabilidade”. Mesmo a primeira singularidade ou o Bóson de Higgs, por serem matéria cosmológica e estarem sujeitos ao espaço-tempo e causa-efeito, possuem a necessidade inerente de terem sido iniciados. Afinal, algo material não inicia uma cadeia causal partindo do nada. Tudo que é matéria, para mover, necessita ser movido. Não há como o material se iniciar, pois o mesmo segue a causalidade.

Portanto: apenas algo imaterial pode ter iniciado a cadeia causal do universo. Ou seja: o universo se origina no imaterial. Soa como um paradoxo, mas é possível resolvê-lo através do conceito previamente estabelecido de Deus.

PARTE III

ARGUMENTAÇÃO

Agora que já estabelecemos e organizamos o conhecimento relevante, podemos realizar o silogismo. Afinal, apenas através da argumentação pode ser feita uma proposição verdadeira ou uma justificação.

Com base nos capítulos anteriores, podemos concluir que o universo, por ser composto de matéria (seja ela física ou cosmológica), é quantificável.

Logo no primeiro capítulo, foi realizada a definição de Deus como o imaterial e o inquantificável (o qual, diferente do universo, não está sujeito ao espaço-tempo e suas noções, podendo assim inicia-lo sem cair em contradições lógicas).

A partir disso, podemos realizar vários silogismos, dos quais chegarão sempre na mesma conclusão.

1-1: O universo é quantificável;

1-2: A definição do inquantificável é Deus;

1-3: A origem do quantificável necessariamente é inquantificável;

Conclusão: a origem do universo é Deus.

2-1: O universo é material;

2-2: A definição do imaterial é Deus;

2-3: A origem do material necessariamente é imaterial;

Conclusão: a origem do universo é Deus.

3-1: O universo está sujeito ao espaço-tempo;

3-2: A definição da transcendência do espaço-tempo é Deus;

3-3: A origem do espaço-tempo necessariamente transcende o espaço-tempo;

Conclusão: A origem do universo é Deus.